

NARRATIVAS EM QUADRINHOS: SIGNIFICAÇÕES DO VIVIDO NO PROJETO DE EXTENSÃO PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS

¹ Samara Moura Barreto de Abreu - IFCE *Campus* Canindé - samara.abreu@ifce.edu.br

² Thaidys da Conceição Lima do Monte (IFCE); Gabriela Cruz Tavares (IFCE); Maria Naiane Gomes Ferreira (IFCE)

RESUMO

As narrativas de vida e formação se colocam como representações sociais das marcas do vivido como dimensão etnoformativa. O presente trabalho teve como objetivo descrever as significações do vivido no Projeto de Extensão Práticas Corporais Inclusivas, a partir de narrativas em quadrinhos, desveladas na experiência formadora de sujeitos-atores. Constitui-se como uma investigação descritiva, de abordagem qualitativa, com estreitamento para uma pesquisa-formação atravessada pela dimensão autobiográfica, no contexto da narrativa em quadrinhos, sobremaneira. O estudo, portanto, traz a retroação reflexiva acerca das representações e significações do vivido pelos sujeitos-atores demarcando a sua trajetória etnoformativa, em que se tecem saberes pedagógicos na ensinagem de práticas corporais para pessoas com deficiência. As análises, a partir das experiências em foco, evidenciam uma experiência formadora fundada pela dialogicidade, intersubjetividade, humanização e trabalho colaborativo.

Palavras-chave: Extensão universitária. Práticas corporais inclusivas. Educação Física. Narrativas em quadrinhos. Etnoformação.

1. INTRODUÇÃO

As narrativas de vida e formação se colocam como representações sociais das marcas do vivido, estabelecendo relações intersubjetivas como dimensão etnoformativa (MACEDO, 2008), uma vez que “expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad.” (BOLÍVAR, 2002, p. 6), considerando que a “formação é inevitavelmente um trabalho reflexivo sobre os percursos da vida” (NÓVOA, 2014, p. 153).

Neste sentido, torna-se importante (re) conhecer os processos de formação como prática reflexiva em expressividade das (re) ações entre o narrado, o vivido e o sentido, dando vozes aos sujeitos-atores que deles

participam, a fim de evocar os sentidos de uma experiência formadora. Empregamos o conceito de experiência formadora apresentado por Josso (2004):

para que a experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades... implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideiação (p. 48).

Assim, tomamos a experiência vivida no Projeto de Extensão Práticas Corporais Inclusivas, do Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF), do Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Canindé, como objeto desta pesquisa-formação cujas perguntas geradoras foram: o projeto Práticas Corporais se constitui como experiência formadora para os seus sujeitos-atores? Que representações significadas acerca do vivido são remetidas pelos sujeitos-atores como construto dessa experiência?

Intentamos fazer um 'caminhar para si' como modo de retroação reflexiva do vivido e ancoragem de aprendizados em movimento retrospectivo e prospectivo para pensarmos a formação no interstício temporal de quatro anos (2013 a 2017) de desenvolvimento deste projeto:

a escolha do verbo caminhar sugere que se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo do qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir seu itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e espaço-tempo do aqui e agora, mas ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percursos, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um (JOSSO, 2010, p. 83-84).

Neste sentido, constituímos como objetivo geral: **descrever as significações do vivido no Projeto de Extensão Práticas Corporais Inclusivas, a partir de narrativas em quadrinhos desveladas na experiência formadora de sujeitos-atores.**

2. O PROJETO DE EXTENSÃO PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS

O projeto de extensão intitulado Práticas Corporais Inclusivas existe desde setembro de 2013, sendo fomentado a partir de cotidiano formativo e de atuação profissional docente em torno da política educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, no lócus do campus Canindé, que preceitua e traz como valoração a perspectiva da Educação Inclusiva como princípio educativo, situada no estreitamento da relação ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, o projeto se dimensiona como atividade do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE),

do IFCE campus Canindé, na perspectiva de atenção à educação e à saúde das pessoas com deficiência das comunidades acadêmica e local, a partir da promoção de práticas corporais dentro do campus.

O público-alvo que compõe o projeto é formado por pessoas com deficiência física, visual e intelectual da comunidade municipal local, assim como da comunidade acadêmica matriculada regularmente no IFCE campus Canindé. Consideramos, sobre a perspectiva de comunidade local, as pessoas com deficiência vinculadas institucionalmente a alguma política pública e/ou entidade social que atue no âmbito da Educação Inclusiva no município de Canindé. Pautado em uma dimensão do atendimento qualitativo, evidenciamos que o projeto atende 30 pessoas com deficiência, sendo 15 da Associação das Pessoas que lutam pela inclusão do Deficiente (APLID) e 15 da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – ambos do município de Canindé. No âmbito da gestão pedagógica, o projeto é coordenado por duas professoras e 15 monitores – 4 bolsistas contemplados pelo PAPEX (nas duas últimas edições) e 11 voluntários, todos vinculados ao CLEF Canindé.

O projeto surge dimensionado para o contexto da cultura corporal do movimento, constituindo uma importante ferramenta de socialização, enfrentamento e/ou superação de limites e convívio com as diferenças, além de reverberar sobre a promoção da saúde das populações, em especial das pessoas com deficiência, uma vez que se torna necessária e emergencial a busca pela promoção da saúde das pessoas com deficiência como processo de universalização e democratização, na perspectiva de uma sociedade inclusiva, ainda apreendida como um desafio paradigmático.

Desse modo, significamos que a promoção de práticas corporais inclusivas no âmbito da Educação Física entoa uma representação de educação, humanização e integralidade da saúde, sem fragmentação do corpo e da mente por meio das habilidades físicas, morais e sociais, cuja qualidade na aplicação se coloca como excelente ferramenta de inclusão" (FERREIRA, 2011) e, portanto, materializa-se sobre o compromisso e a responsabilidade social.

Além disso, emerge também como ensejo de fortalecer o campo de estudo teórico-prático do Curso de Licenciatura em Educação Física, cujo

interesse enseja a construção de conhecimentos e experiências que contribuam para a formação do professor de Educação Física no âmbito da cultura corporal do movimento, entre elas, a experiência formadora pelas práticas corporais inclusivas. Utilizamos o termo “práticas corporais” sobre a dimensão conceitual, proposta por alguns autores, que tem por finalidade uma educação para sensibilidade, para promoção da saúde, para o desenvolvimento do lazer, para a sociabilidade e para o cuidado com o corpo (FALCÃO; SARAIVA, 2009).

A Educação Física também incorpora elementos das ciências humanas e sociais, cuja preocupação está com os significados e sentidos atribuídos às práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática (FALCÃO; SARAIVA, 2009). Neste sentido, há uma ressignificação na natureza das atividades corporais, incluímos neste âmbito os esportes, ginásticas, danças, lutas, jogos, entre outras.

Nessa perspectiva, o Projeto de Extensão Práticas Corporais Inclusivas busca contribuir para a democratização do acesso a práticas corporais inclusivas, promovendo a saúde, fortalecendo e consolidando a inclusão social, por intermédio do empoderamento corporal (designa poder através da aquisição do conhecimento e autonomia na busca de direitos efetivos de cidadania para promoção social, ou seja, transformação social) das pessoas com deficiência.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Caminhamos na realização de um estudo descritivo, substanciado na abordagem qualitativa “que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real” (MARTINS, 2008, p. 9), com delineamento para uma pesquisa-formação em que “cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre formação e os processos por meios dos quais ela se dá a conhecer”, (JOSSO, 2004, p. 141), cuja importância da reflexividade dos sujeitos-atores em itinerância formadora do vivido contribui cientificamente para apresentá-lo como o estatuto de pesquisador (PINEAU, 2012).

Deste modo, a experiência no Projeto de Extensão Práticas Corporais Inclusivas é tomada

como objeto dessa formação e investigação, cujo cenário habita o Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE campus Canindé.

A representação do corpus de análise interpretativa foi tomada pelas narrativas em quadrinhos produzidas pelos discentes entrelaçadas às narrativas escritas dos monitores do referido projeto, matizadas no diário de campo, constituindo a análise documental. Em referência à utilização de narrativas em quadrinhos, concordamos com as reflexões de Muanis (2006), retomando Benjamin(1996), ao inquirir:

não será esse tipo de quadrinhos, guiado pela necessidade de romper as narrativas e discursos convencionais, o ideal para explicitar o cotidiano e mostrar o outro? Mostrar o que não costuma ser mostrado, representar a imagem indigesta com definição e precisão, torná-la “comunicável” sem, contudo, aviltar o choque? Não terá ela a capacidade de criar uma conscientização da necessidade de prestar atenção nas outras histórias, em outros relatos?

Após apreensão do corpus, utilizamos a análise interpretativa compreensiva (RICOEUR, 1996) a partir da experiência da narrativa de si (SOUZA, 2006), em movimento de triangulação das fontes inventariadas.

Seguimos nessa itinerância a fim de produzir reflexividades críticas expressas no conjunto das narrativas como modo de figuração da “leitura em três tempos”, utilizado por Souza (2006, p. 79), por considerar o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido.

4. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DO VIVIDO COMO EXPERIÊNCIA FORMADORA

Como postura de análise interpretativa, fizemos o entrelaçar das narrativas de experiência apresentadas pelos sujeitos-atores do projeto, compreendendo as narrativas em quadrinhos¹ como representação coletiva dos discentes (pessoas com deficiência), e, também, das narrativas escritas dos monitores (alunos do curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE campus Canindé), apreendidas no diário de campo, que percorreram esse caminhar de

¹A história em quadrinhos é de autoria da aluna, do Projeto Práticas Corporais Inclusivas, Cremilda Vieira.

forma coletiva e reflexiva pelo enfoque narrativo, entendendo que:

Un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento (BOLÍVAR, 2002, p.6).

No âmbito das significações acerca do vivido, tomamos em relevo apreciativo os fundamentos da afetividade, do convívio social e do cuidado, como tônica de felicidade e satisfação em estar no projeto, expressas no quadro 1:

Quadro 1 - Quadrinhos produzidos por discente do Projeto Práticas Corporais Inclusivas

QUADRINHO	DIÁLOGO
	- Vou entrar sozinho na piscina, viu professora - Cuidado! - Vou me soltar
	- Posso entrar professora? - Eu vou me dedicar tanto, vão me confundir com a Gaby.
	- Vamos sair da piscina? - Nãooo!

Fonte: Arquivo do Projeto Práticas Corporais Inclusivas.

No contexto dessas inter-relações construídas ao longo do projeto, entre monitores, professoras coordenadoras e alunos atendidos, as representações das narrativas em quadrinhos refletem uma relação harmoniosa e feliz, cheia de significados para ambos os envolvidos, destacando o bem-estar social proporcionado, o espelhamento e a inspiração no ser e fazer e a aprendizagem colaborativa, reiteradas nas

seguintes narrativas apreendidas no momento de elaboração e apreciação das narrativas em quadrinhos com os discentes:

Aqui no projeto me sinto bem, sou muito feliz e os monitores e professoras são atenciosas.

(Aluno 4)

Antes do projeto eu vivia isolada, sozinha e isso é muito triste, por isso adoro estar aqui dentro da piscina com meus amigos do projeto. **(Aluno 3)**

Percebemos, também, o destaque das práticas corporais desenvolvidas no meio aquático (piscina), talvez pela liberdade sentida pelos alunos quando se encontram nesse ambiente em maior mobilidade, numa perspectiva de educação inclusiva. Para Chicon (2008), incluir na Educação Física não significa apenas adaptar essa disciplina para que pessoas com deficiência possam participar da aula, mas é adotar uma postura, objetivos e método comprometidos com a valorização da diversidade humana, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa.

No que tange a formação pedagógica dos monitores constituída como um objetivo desse projeto, identificamos a mobilização de saberes conceituais, procedimentais e atitudinais, fundados em conhecimentos gerais em Educação (no âmbito das políticas públicas) e específicos da práxis da Educação Física, que dialogam sobre a humanização, diversidade e autoconhecimento:

Conhecimentos teóricos e práticas dentro do eixo da Educação Física, e também nas políticas de assistência a pessoas com deficiência, e os conhecimentos subjetivos, humanização, etc. **(Monitor 3)**

O conhecimento sobre a diversidade de deficiências e a maneira como trabalhar com elas, conhecimento e crescimento pessoal a partir da convivência com personalidades tão diferenciadas. **(Monitor 2)**

Entre as dimensões atitudinais, conceituais e procedimentais do conhecimento específico da Educação Física, destacamos a realidade da corporeidade como elemento de integralidade, nas (re)ações biopsicossociais:

Trabalhamos não apenas a parte física, através de exercícios e atividades na quadra e piscina, mas também na sociabilização, entre os próprios monitores e entre os alunos

atendidos pelo projeto. (Monitor 1)

Neste sentido, percebemos que a realidade formativa do projeto proporciona um crescimento no âmbito pessoal e profissional, o que irá reverberar em sua posterior atuação no campo da Educação Física.

Nas significações sobre as situações-limite do vivido no projeto de extensão, os discentes expressam relações consoantes com o cotidiano de vida da pessoa com deficiência, no que tange as limitações físicas, sociais e políticas, ilustrando um contexto de aventuras (Figura 2).

Figura 2 – Capa da revista em quadrinhos produzida pela discente do Projeto Práticas Corporais Inclusivas



Fonte: Arquivo do Projeto Práticas Corporais Inclusivas.

Ao analisar a figura 1, que destaca a capa da história em quadrinhos produzida pela aluna do projeto que possui deficiência física e necessita de muletas para se locomover, a mesma aponta como título “Os Aventurero² da APLID”. Ao ser questionada sobre a escolha do título para a história, a aluna esclareceu que todos os que são atendidos pelo projeto vivem uma constante aventura sobre os processos de vida pessoal e social, de aquisição de novos saberes desenvolvidos no projeto, como ato de resiliência. Ao mesmo tempo, expressa a gratidão por ali estarem:

tenho gratidão por estar aqui, aprendendo com vocês, quando sei que é dia de vir para o IFCE é o dia mais feliz da semana. (Aluno 1)

Compreendemos, assim, que as experiências vivenciadas tanto pelos alunos do projeto quanto pelos seus monitores, tomados como sujeitos-atores desse projeto, expressam aspectos relevantes para a constituição para uma formação humanizada, de participação social, afetiva como dimensão pessoal e também profissional, dos futuros professores de educação física.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afoi possível perceber que o Projeto Práticas Corporais Inclusivas se constitui como experiência formadora para os seus sujeitos-atores, tanto para os alunos da Associação das Pessoas que Lutam pela Inclusão do Deficiente (APLID) e para os alunos atendidos pela Associação de Pais dos Excepcionais (APAE), ambas localizadas no Município de Canindé – CE, quanto para os monitores do projeto, que são alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE campus Canindé, pelo construto das sociabilidades, do (auto)conhecimento pessoal e profissional fundados pela reflexividade, intersubjetividade, humanização, em movimento dialógico-afetivo. Deste modo, demarca uma trajetória etnoformativa, em que se tecem saberes pedagógicos na ensinagem (ANASTASIOU, 2003) de práticas corporais para pessoas com deficiência.

Assim, consideramos que a extensão como atividade formativa é importante para os sujeitos-atores envolvidos, aqui realçada pelos monitores e discentes (comunidade externa atendida), uma vez que propicia o estreitamento de ações pautadas no entrelaçar de vivências e experiências significativas para a construção de políticas de atendimento e acessibilidade dos espaços do IFCE para as pessoas com deficiência, na perspectiva da educação inclusiva.

Por fim, aludimos também que as narrativas em quadrinhos se colocam como dispositivo pedagógico, para compreender as marcas de significação do vivido no cotidiano do Projeto Práticas Corporais Inclusivas.

²Aqui decidimos fazer uso da escrita original da aluna, conforme produção realizada, mesmo entendendo que existem limitações no que se refere à escrita formal da Língua Portuguesa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANASTASIOU, Lea das Graças. Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G. C. e ALVES, L. P. Processos de ensinagem na universidade. Joinville, Santa Catarina: Ed. Univilleb, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación, En Revista Electrónica de Investigación educativa, vol.4 nº1. 2002. Disponível em: <http://redie.uabc.uabc.mx>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.
- CHICON, J.F. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. Movimento. Porto Alegre, v.14, n.01,p.13-38, janeiro/abril de 2008.
- FALCÃO, J. L.C; SARAIVA, M.C. Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009.
- FERREIRA. H. S. **Educação física escolar e saúde em escolas públicas municipais de Fortaleza: proposta de ensino para saúde. (Tese de Doutorado)** Curso de Doutorado em Saúde Coletiva (Associação Ampla UECE/UFC/UNIFOR). Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual do Ceará, 2011.
- JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.
- JOSSO, Marie-Christine. Caminhar para si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MACEDO, Roberto Sidney Macedo. Etnoformatividade: currículo, formação e narrativa. In: PASSEGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). (Auto) Biografia: Formação, território e saberes. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- MUANIS, Felipe. Imagem, cinema e quadrinhos: linguagens e discursos de cotidiano. Caligrama (São Paulo. Online), [S.l.], v. 2, n. 1, apr. 2006. ISSN 1808-0820. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64622>>. Acesso em: 06 mar. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2006.64622>.
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Orgs). O método (auto)biográfico e a formação. 2 ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- PINEAU, Gaston. “A autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação”. In: FINGER, M. e NÓVOA, A. 1988. O método (auto) biográfico e a formação. Cadernos de Formação1. Lisboa: Ministério da Saúde: pp.65-77.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação.** Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA; UNEB, 2006.